

## “The Salvation” (Kristian Levring, 2014): Fôlego Novo ao Velho Western

Danielle Crepaldi Carvalho<sup>1</sup>

O cinema da Dinamarca oferece uma recente leitura do western – o gênero que mais cabalmente define o cinema norte-americano, de acordo com André Bazin. Leitura que só pode ser estilizada, sobretudo considerando-se o diretor do longa metragem: o dinamarquês Kristian Levring, envolvido, no passado, com o movimento “Dogma 95” – do qual também fez parte o cineasta Lars Von Trier, seu conterrâneo.

A obra em questão, “The Salvation” – estreada no ano passado em Cannes, fora da competição, ainda sem data de lançamento no Brasil –, lê o gênero a contrapelo das obras-fontes, ainda que em razoável medida beba da estrutura delas. Encena-se a saga de Jon (Mads Mikkelsen), ex-soldado que deixa uma Dinamarca recém-saída da Guerra de 1864 contra os alemães – litígio do qual seu país saíra perdedor – rumo à “conquista da América”. É o ano de 1871, momento da histórica “Marcha para o Oeste”. O princípio da história o flagra sete anos mais tarde, já estabelecido num rincão onde só se chega por meio de diligências – para além dos limites da civilização, segundo as convenções do gênero. A ocasião é especial: a esposa (Marie) e o filho (Kresten) estão na iminência de chegar para compartilhar consigo do Novo Mundo.

“The Salvation” opera a partir da imbricação de arquétipos do western e da liturgia cristã. A chegada desses estrangeiros ao *far West* dá lugar a conflitos que se descolam da esfera do real para adentrarem o âmbito do símbolo. Sob a ótica do gênero western, Marie e Kresten representam o contato do civilizado Velho Mundo com o bárbaro Novo Mundo. A rápida destruição desses entes – o assassinato da criança, o estupro seguido de morte da mulher, ainda na diligência a caminho de casa, pelas mãos de um fora da lei recém-saído da prisão – patenteia o lado para o qual a balança pendia naqueles ermos: “Apenas os homens fortes, rudes e

---

<sup>1</sup> megchristie@gmail.com

corajosos poderiam conquistar estas paisagens virgens.”<sup>2</sup>, lembra André Bazin num de seus estudos seminais sobre o gênero. Jon, já impregnado da dureza do Novo Mundo, sairá vivo da contenda e se imbuirá do *éthos* heroico o qual, segundo Bazin, transformava o *cowboy* num sucedâneo do cavaleiro medieval, e o seu périplo, na reencenação do mito fundacional da América.

Kristian Levring, coautor do roteiro (juntamente com Anders Thomas Jensen), apropria-se com vigor do campo semântico do gênero. A mitologia do western adquire, por meio deles, uma pureza original. “The Salvation” absolutiza o Bem e o Mal. Jon têm derramados sobre si os índices todos de bondade: o vigor, a coragem, a operosidade. Junto do irmão Peter (Mikael Persbrandt), com quem viajara da Dinamarca aos EUA, consegue tornar-se proprietário de terra, malgrado a rispidez do território onde se imiscui. Verá, todavia, sua precária segurança financeira esmaecer tão logo se torna alvo do coronel Delarue, escroque cujo irmão – não outro que o celerado estuprador de Marie (Nanna Øland Fabricius) e assassino de Kresten (Toke Lars Bjarke) – perecera pelas mãos de Jon.

O rápido desdobrar dos acontecimentos materializará, para Jon e para os espectadores, a matéria sobre a qual se forjava o Novo Mundo. Fundamentos já solidamente firmados na Europa, a exemplo da “moral” e da “lei”, viam-se ainda por serem instituídos nas fronteiras recém-abertas da América. Naqueles espaços onde a “moral individual é precária, apenas a lei pode impor a ordem do bem e o bem da ordem”, destaca Bazin.<sup>3</sup> Lei que aqueles primeiros homens bravos da América viam-se obrigados a impor pela força.

Se considerarmos que a infinidade de westerns rodados desde a aurora do cinema encenam simbolicamente os diversos estágios da paulatina vitória dos conquistadores sobre a natureza selvagem (a luta contra os indígenas, a construção dos primeiros povoados, a engorda do primeiro gado, a penetração da via férrea...), podemos situar “The Salvation” no meio do caminho que separa a “selva” da “civilização”. Dizimada a população nativa, a terra desolada via-se na iminência de

---

<sup>2</sup> No original: “Seuls les hommes forts, rudes et courageux pouvaient conquérir ces vierges paysages”. Cf. BAZIN, André. *Le western, ou le cinéma Américain par excellence*. In: **Qu’est-ce que le cinéma?** Les Éditions du Cerf, 1994, p. 223.

<sup>3</sup> No original: “Là ou la morale individuelle est précaire, seule la loi peut imposer l’ordre du bien et le bien de l’ordre.” Cf. Idem, p. 223.

ser povoada pelos homens os quais assumiam os postos que acabavam de ser legalmente instituídos. O significado disso é ambivalente, como salienta Bazin ao discutir as regras do gênero. Na sociedade em botão, zelam pela ordem os homens escolhidos no interior daquele corpo social. Portanto, a lei passa a ser aplicada por homens tão temerários quando os criminosos – aí repousa, segundo o ensaísta, toda a força e toda a fraqueza de tal sociedade. A ausência de instituições fortes que garantam o cumprimento das leis, bem como a moral individual precária, levam a distorções: Os homens responsáveis por zelar pelo bem comum exacerbam; passam a desejar, com o lugar de destaque alcançado, o incremento em seus dividendos. Neste contexto, figuras que deveriam servir à promoção da justiça tornam-se os exploradores das populações que deveriam proteger.

O filme faz emergir simbolicamente a especificidade desta estrutura social: na cidade de Black Creek, o prefeito (Jonathan Pryce) é também o agente funerário; o padre (Douglas Henshall) acumula a função de xerife; e todos devem se submeter ao coronel: a autoridade suprema do local. A fria dialética com que o *status quo* é apresentado provoca o público a pensar no significado de tais símbolos para a diegese da obra. O cerne deste filme não é a ação – elemento primordial do cinema e deste gênero. Estruturalmente, “The Salvation” abraça as convenções do western: Jon paga razoável tributo ao xerife Will Kane, de Gary Cooper, do clássico “Matar ou morrer” (“High Noon”, Fred Zinnermann, 1952) – homem que, abandonado pela cidade, se vê obrigado a enfrentar sozinho uma gangue de criminosos.

Uma vez que é reconhecido pelo padre-xerife Mallick, Jon vê-se entregue à sanha de Delarue – o qual, para vingar o assassinato do irmão, viera de trucidar um número aleatório de cidadãos de Black Creek. Hediondamente torturado (já que deveria pagar a afronta que realizara na cidade por meio de uma morte violenta), Jon consegue, no entanto, escapar do cativeiro por obra do irmão. Abandonado pela cidade, não sem antes ser explorado pelo prefeito-agente funerário Keane – que lhe compra a propriedade por valor irrisório –, Jon vê-se obrigado a tomar a justiça nas próprias mãos.

A vilania inerente a seres como Mallick, Keane e sobretudo Delarue, resultaria risível aos nossos olhos contemporâneos – por demasiado absoluta – se não fosse compreendida enquanto metáfora. Assim também a incontornável

invulnerabilidade de Jon. “The Salvation” pertence à estirpe dos westerns que André Bazin denominou, não sem ironia, de “sobrewesterns”: obras que buscam se justificar por meio de interesses exteriores àqueles do western tradicional, sejam eles interesses de ordem estética, moral, política, etc.<sup>4</sup> A sintaxe clássica funciona aqui para o deslindamento de questões emergentes nos dias de hoje.

Jon, como já dito, imbuí-se não apenas da mitologia do western como da cristã. Reencena o périplo de seu homônimo bíblico. Sua missão, da chegada à América ao reestabelecimento da fugidia ordem social de Black Creek, realiza-se em sete anos, número simbólico do cristianismo, a indicar o fim de um tempo e o princípio de outro. Sua chegada ao oeste inóspito cumpre função análoga à de João, apóstolo de Cristo: homem enviado por Deus para prenciar o “Salvador”, segundo a tradição do cristianismo.

A obra de Kristian Levring faz um exercício reflexivo sobre como Cristo seria recebido se reencarnasse no espaço do *far West* americano. Numa esfera projetiva, que busca na obra cinematográfica os liames tecidos com o contexto social que a produz, “The Salvation” metaforiza o *modus operandi* de nossa sociedade contemporânea. Neste sentido, o destino do novo Cristo é lúgubre. Kresten e a mãe Marie amargam uma pungente via-sacra tão logo pisam na “América”. A assertividade de seus novos algozes estampa como o Novo Mundo lidava com aqueles que lhe eram estranhos. Todavia, uma vez morto e enterrado aquele Cristo ainda menino, de onde partiria a “salvação” à qual o título do filme faz referência?

Jon age num mundo sem Deus. Por isso, quiçá, seus desafios são mais prementes que aqueles encetados pelos *cowboys* clássicos. Principia por desejar, acima de tudo, viver. Uma vez mortos a esposa e o filho, ele e o irmão Peter (Pedro, o apóstolo sobre o qual se assenta a pedra fundamental do cristianismo) tentarão empreender a fuga – sustada, como já se viu – de Black Creek. Preso e torturado num pelourinho que funciona à guisa de cruz, o até então cordato e político Jon – exemplar simbólico do Velho Mundo – será subitamente transformado em instrumento de moralização da cidade. Mudo e resoluto, Jon se tornará uma versão terrena do Anjo da Morte do Velho Testamento; a liquidar sem misericórdia os corruptos de Black Creek.

---

<sup>4</sup> Cf. BAZIN, André. *Evolution du western*. In: op. cit., p. 231.  
Revista Livre de Cinema p. 55-60

No momento da estréia de “The Salvation” em Cannes, a crítica comparou-o a “Matar ou morrer”. Efetivamente, podemos estabelecer analogias no que toca não apenas à diegese dos dois filmes, como à metáfora política que subjaz às tramas. Em ambos os filmes, a cidade perseguida por déspotas vira as costas aos homens de bem no intuito de proteger a própria pele. Um filme e outro culminam com a derrota do inimigo, seguido do abandono da cidade pelos dois heróis – afinal, aquela gente e aquela terra estavam moralmente aquém de semelhantes homens. Bazin viu, no filme de Zinnermann, a figuração do macartismo – a popular “caça às bruxas” fomentada pelo governo norte-americano entre fins de 1940 e meados de 1950, a qual motivou a delação de supostos comunistas e o exílio voluntário de muitos homens inocentes, porção não desprezível deles saída do âmbito cinematográfico (Charlie Chaplin e Gene Kelly, por exemplo, deixaram os Estados Unidos nesta época).

A moldura convencional de “The Salvation” serve de espaço à produção de uma metáfora igualmente cáustica da realidade contemporânea. Para além da fábula de movimentados desdobramentos e bela fotografia (de Jens Schlosser) – que cria o Oeste americano a partir da África do Sul (onde o filme foi rodado) –, o filme desenha o destino da sociedade movida pelo liberalismo econômico. No entanto, Levring afasta-se de Zinnermann ao fazer com que fotografia e cenografia concorram para a criação de um Oeste mais posado que real: com pequenas e frágeis casas de madeira, polidas a fim de servirem mais de encenação de um Oeste fictício que de mimetismo dos clássicos do gênero. A *mise-en-scène* dá, aqui, um passo do cinema em direção ao teatro. “The Salvation” lembra “Dogville” (2003), ao titilar o público para uma reflexão metalinguística sobre as estruturas consolidadas do western – embora Lars Von Trier tenha ido mais fundo na dessacralização dos mitos americanos, naquele cinema feito da mais irrealista das cenografias teatrais. Num artista e noutro, o olhar oblíquo ao gênero faz com que as obras ganhem em teor crítico.

O grande “Mal” de Black Creek concentra-se no coronel Delarue. No desfecho da história, Jon descobrirá que o homem comprava as propriedades dos habitantes do local com a ajuda do prefeito. O motivo escapa a Jon, mas não ao público – penetrado, ao cabo da história, por um lancinante plano-sequência da

cidade em ruínas, abandonada pelo herói, coalhada das estruturas metálicas construídas para a exploração do petróleo. O “Riacho Negro” que dava nome à cidade e poluía a água da população era o “ouro negro” que tantas riquezas, progresso tecnológico, mortes e poluição causaria nos próximos 150 anos.

O desfecho da história dirige uma visada irônica ao modelo econômico atual, gerido por decisões individualistas, a privilegiar o lucro individual em detrimento do bem-estar coletivo – modelo responsável pela recessão econômica que o mundo enfrenta nos últimos anos. A partida de Jon de Black Creek acena, quem sabe, para a utopia de uma nova sociedade, menos movida por interesses econômicos, mais humana.

### **Referências**

BAZIN, André. *Le western, ou le cinema Américain par excellence; Evolution du western*. In: **Qu'est-ce que le cinema?** Les Éditions du Cerf, 1994.